

A minimalist line drawing of a person with glasses reading a large book. The person is on the right side of the frame. The book is held in front of them. In the upper left, there is a large semi-circle and several small diamonds scattered around it.

O Funcionalismo

O funcionalismo linguístico e suas vertentes: europeia e norte-americana. O princípio da iconicidade e o processo de gramaticalização. Diferenças entre funcionalismo e formalismo.

Prof.^a Lana Mara Rodrigues Rego

Propósito

Identificar os conceitos e as contribuições do funcionalismo linguístico em suas vertentes europeia e norte-americana permite avaliar sua relação com o formalismo linguístico e reconhecer o desenvolvimento dos estudos linguísticos ao longo do século XX.

Objetivos

- Descrever o funcionalismo em suas vertentes europeia e norte-americana.
- Identificar o princípio de iconicidade e o processo de gramaticalização.
- Relacionar a abordagem formalista à abordagem funcionalista.

Introdução

Ao conhecermos os estudos linguísticos ao longo do século XX, percebemos que o estruturalismo e o gerativismo foram duas abordagens bastante importantes. Apesar de suas contribuições, essas abordagens eram mais formalistas e não davam conta da linguagem como instrumento de interação social.

Nesse contexto, a corrente linguística que surgiu buscando explicar a língua a partir das situações de comunicação ou do contexto discursivo foi denominada funcionalismo linguístico.

Por isso, vamos conhecer os conceitos e as contribuições do funcionalismo linguístico no cenário dos estudos linguísticos.

Bons estudos!

Contextualizando

Estudar a língua a partir da análise de seu uso, principalmente por meio da coleta e do registro da fala de seus usuários, é um procedimento muito importante para os estudos linguísticos. Por tanto, nada melhor do que começarmos este módulo analisando o relato abaixo.

Relato de corpus

Acompanhe o áudio e a transcrição baseados no relato de opinião de uma informante do corpus elaborado pelo **Grupo de Estudos Discurso & Gramática**, seção Rio de Janeiro.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.



Saiba mais

Corpus é o conjunto de textos escritos e registros orais para fins de análise dos dados reais de determinada língua. A partir de critérios estabelecidos previamente, esses dados são coletados para serem objetos de pesquisa.

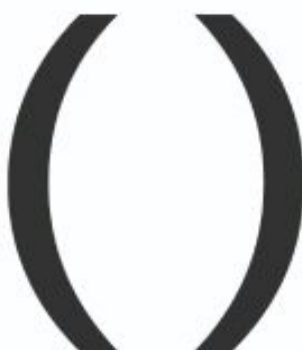
Na transcrição, apresentada no vídeo anterior, são usados os seguintes sinais:



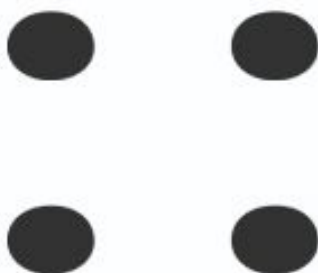
Indica qualquer tipo de pausa.



Indica ruptura ou truncamento.



Representa palavras ou segmento incompreendidos.



Representa alongamento de vogal ou consoante.

Leia o trecho da transcrição, dando atenção especial aos elementos em destaque.

"O que adianta... um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/ fica dois... três dias juntos... () até dois... três dias... depois se separam... entendeu? eu acho isso aí um absurdo... porque... **poxa**... eu... **sei lá**... (**né?**) **sabe?** eu a vida::/ tudo bem... está tudo difícil... né? mas a pessoa... eu acho a pessoa tem que saber... diretamente aquilo que quer..."(VOTRE; OLIVEIRA, 1995)

O que os elementos destacados sinalizam?

1 Oralidade

Eles são chamados de marcadores discursivos. Considerados, tradicionalmente, como vícios de linguagem, esses elementos, típicos da oralidade, são usados para a organização da fala. Perceba como eles exercem a função de preencher o vazio da fala enquanto o falante reorganiza suas ideias no momento da interação.

2

Situações comunicacionais

Esse tipo de observação ou análise, que vai além da estrutura gramatical e busca a motivação para os fatos da língua, é uma das principais características do funcionalismo linguístico, que se caracteriza pelo estudo da relação entre a estrutura gramatical das línguas e as diversas situações de comunicação em que esses aspectos gramaticais são utilizados (CUNHA, 2009).

Funcionalismo europeu

O surgimento da Linguística como ciência da linguagem, no início do século XX, a partir dos estudos de **Ferdinand de Saussure**, consagra o entendimento de que a língua é um sistema ou uma estrutura autônoma cujo funcionamento de seus elementos internos se dá por meio de relações ou combinações.

Ferdinand de Saussure

Filósofo e linguista suíço, considerado o pai da linguística moderna. Foi professor em universidades na França e na Suíça. Suas aulas na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, conhecidas como Curso de Linguística Geral, são a base inicial da Linguística como disciplina científica. Sua teoria da linguagem acabou sendo denominada de Estruturalismo, por compreender a língua como um sistema ou estrutura.



Ferdinand de Saussure.

Porém, a visão estruturalista de Saussure, que considera a língua como um sistema autônomo, acabou sendo colocada em questão para privilegiar a língua como **sistema funcional**, que é utilizado tendo em vista determinado **objetivo** ou **finalidade**.

A noção de função ganhou força nas discussões de linguistas posteriores a Saussure. Parte desses linguistas era membro da **Escola de Praga**, que é originária do **Círculo Linguístico de Praga**, fundado em 1926 pelo linguista tcheco Vilém Mathesius (1882-1945).

Escola de Praga

Inspirada no estruturalismo de Saussure, embora tenha ido além das teorias saussureanas. Suas atividades foram iniciadas em 1926 e finalizadas em 1939, com a chegada dos nazistas em Praga. Os principais nomes do Círculo Linguístico de Praga são Vilém Mathesius, Roman Jakobson e Nikolaj Trubtzkoy. Estes dois últimos eram imigrantes russos. Jakobson lecionava em Berna e Trubtzkoy era professor em Viena. A partir de 1928, quando o manifesto da Escola de Praga (como poderia ser chamado) foi apresentado no Primeiro Congresso Internacional de Linguística, em Haia, eruditos de muitos outros países europeus começaram a se associar, mais ou menos, intimamente, com o movimento (LYONS, 1987, p.167).

Surge, então, a abordagem funcionalista, caracterizada pela concepção da língua como instrumento de comunicação e interação. O que significa que a estrutura ou o sistema da língua está sujeito às situações de comunicação, que acabam influenciando a estrutura gramatical da língua.

Contribuições dos linguistas da Escola de Praga

Fonologia

Os estudos funcionalistas da Escola de Praga ficaram mais conhecidos por terem como foco a Fonologia. Chama a atenção o trabalho de Nicolai Trubetzky (1890-1938), responsável pelos fundamentos para o desenvolvimento dessa área. Na concepção de Trubetzky e de seus seguidores:

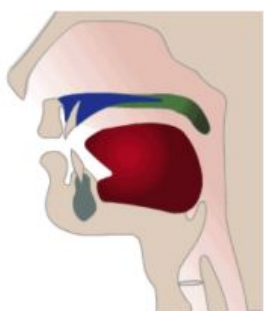
“

Os fonemas não são elementos mínimos em si, mas feixes ou conjunto de traços distintivos simultâneos.

—

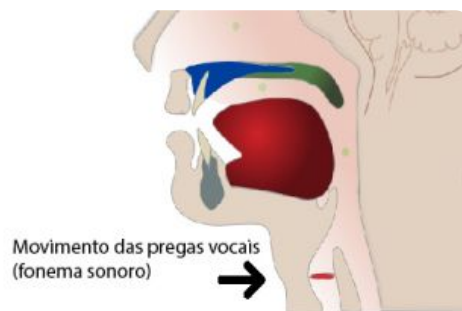
(CUNHA, 2009, p. 160)

Para compreender melhor, observe este exemplo:



Articulação do fonema /p/

O fonema /p/ é constituído dos traços: oclusivo, bilabial, **surdo**.



Articulação do fonema /b/

O fonema /b/ é constituído dos traços: oclusivo, bilabial, **sonoro**.

Logo, /p/ e /b/ diferem quanto à **sonoridade**, e esse traço [+ ou - sonoro] que distingue pares mínimos, como as palavras 'pata' e 'bata' (CUNHA, 2009, p. 160).



Comentário

Na Fonologia, é muito comum apresentar os traços distintivos a partir de um esquema binário marcado pelos sinais + e – , que representam presença/ausência de determinada propriedade fônica.

Morfologia

As contribuições dos linguistas da Escola de Praga, entretanto, não se limitam apenas à Fonologia.

Roman Jakobson (1886-1982) destacou-se por sua contribuição à Morfologia, introduzindo o conceito de marcação, aplicado inicialmente em Fonologia.

marcação

Princípio que estabelece a distinção entre categorias marcadas e categorias não marcadas por meio de um contraste binário. Na Fonologia, um exemplo é a oposição entre /b/ e /p/, por meio do traço sonoridade. Temos /b/ caracterizado pelo traço [+ sonoro] como marcado e /p/ caracterizado pelo traço [– sonoro] como não marcado (CUNHA, p. 160).



Saiba mais

A marcação na Morfologia pode ser exemplificada tomando a categoria de gênero. A forma menina [+ feminino] é marcada. Em oposição a menino [– feminino], forma não marcada. Assim, o termo marcado carregaria uma marca semântica de gênero (menina), enquanto o termo não marcado não carregaria marca. Uma consequência disso é que o termo marcado teria uma distribuição na língua mais restrita do que o termo não marcado (MÄDER, 2015, p. 104).

Vejamos um exemplo na Morfologia, com relação à categoria de número:

A forma **crianças** contém o traço **[+ plural]** e seria considerada uma **forma marcada**.

Em oposição à forma **criança**, que não contém o traço plural **[– plural]** e seria, portanto, uma **forma não marcada**.

Identificação das funções da linguagem

Outra contribuição de Jakobson é a identificação das funções da linguagem, a partir de estudos realizados por outro linguista do Círculo de Praga, o alemão Karl Bühler (1879-1963).

As funções identificadas por Bühler são:



Referencial ou representativa

Relacionada ao referente, ou seja, ao que se representa da realidade ou ao qual a língua se refere (ênfase no referente). Exemplos de situações em que predomina a função referencial: notícia de jornal, manual com a descrição de um aparelho, rótulo de embalagem de produtos alimentícios.



Emotiva ou expressiva

Relacionada à exteriorização ou manifestação de emoções, opiniões ou juízos de quem se expressa ou se comunica (ênfase no emissor). Exemplos de predomínio da função emotiva: artigos de opinião, carta pessoal, declaração de amor.



Apelativa ou conativa

Relacionada a quem recebe a mensagem (ênfase no receptor). Exemplos de predomínio da função apelativa: usar verbos no imperativo nas propagandas, chamar a atenção do interlocutor durante uma conversa.

Já as funções elaboradas por Jakobson são:



Fática

Relacionada ao estabelecimento inicial de contato entre os interlocutores (ênfase no meio ou canal de comunicação). Exemplo: no início de um telefonema: “Alô, tem alguém aí? Alô! Oi, tudo bem?”



Metalinguística

Relacionada às explicações ou aos esforços de decifração do código utilizado na comunicação (ênfase no código). Exemplos: o verbete de um dicionário, a explicação de um conceito.



Função poética

Relacionada à mensagem, quando se volta para si mesma, recebendo um tratamento mais cuidadoso ou que provoque algum estranhamento ou efeito estético (ênfase na mensagem). Exemplos: texto poético, slogan criativo.

Teoria da perspectiva funcional da sentença

Com foco na estrutura gramatical das línguas, o fundador do Círculo Linguístico de Praga, Vilém Mathesius (1882-1945), lançou a **Teoria da perspectiva funcional da sentença**. Segundo ele, a organização sintática dos elementos na oração (a posição e a relação dos termos em determinada frase) é motivada pelo contexto discursivo em que ela ocorre. Confira o exemplo e entenda melhor:



Enunciados como "Você é bobo!" e "Bobo é você!" não podem ser vistos como versões alternativas de dizer o mesmo conteúdo, considerando que os dois enunciados não seriam utilizados na mesma situação de comunicação. Motivações relacionadas ao contexto de utilização da língua levariam o falante a escolher uma forma, e não outra.

Os exemplos (A) e (B), a seguir, são versões diferentes da mesma sentença, com as palavras mudando de ordem em função de uma situação de comunicação específica. Veja:

(A) José chegou ontem à noite

O item (A) pode ser a resposta à pergunta: "Quem chegou?" ou "José chegou?"

(B) Ontem à noite José chegou

O item (B) pode ser a resposta para a pergunta "Quando o José chegou?", pressupondo que há algum dado já conhecido e uma nova informação.

Pode-se constatar que a maneira como as frases são organizadas indica que há partes com mais informação nova do que outras partes das frases, o que caracteriza a perspectiva funcional da sentença.



Comentário

Outros nomes importantes do funcionalismo europeu: Michael K. Halliday (Inglaterra) e Simon C. Dik (Holanda). Ambos, na década de 1970, apresentaram interesse nos pressupostos teóricos funcionalistas. Dik ganhou notoriedade com o desenvolvimento da Teoria da Gramática Funcional.

Funcionalismo norte-americano

Na década de 1970, nos Estados Unidos, o funcionalismo ganhou força a partir do trabalho de Dwight Bolinger (1907-1992), além de um grupo de pesquisadores na Califórnia. Outros funcionalistas também desenvolveram seus trabalhos em diversas partes dos Estados Unidos, como o linguista Robert Van Valin (1952) em Nova York, atualmente professor na Universidade de Düsseldorf, na Alemanha.

Alguns linguistas funcionalistas norte-americanos tiveram formação no gerativismo, mas passaram a buscar alternativas teóricas para abordar melhor os fenômenos estudados.

Gerativismo é uma corrente de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos, no final da década de 1950, a partir dos trabalhos do linguista Noam Chomsky, professor emérito de Linguística do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).



Na teoria gerativa, as línguas deixam de ser interpretadas como um comportamento socialmente condicionado e passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural. A linguagem é analisada de forma matemática e abstrata (formal) (KENEDY, 2009, p. 127 e 130).

A língua passa a ser investigada a partir do contexto linguístico e da situação extralinguística (elementos externos à língua). Busca-se, portanto, uma Linguística com foco no uso. A sintaxe, que trata das relações formais entre os elementos da sentença, deve ser investigada a partir da

língua em uso, pois a sua forma está relacionada às estratégias utilizadas pelos falantes no momento da interação.

Marcos do funcionalismo norte-americano

Vejamos mais profundamente alguns marcos do funcionalismo norte-americano:

1976

O texto *The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives*, publicado em 1976 por Gillian Sankoff, linguista e professora aposentada da Universidade da Pensilvânia, e Penelope Brown, linguista e membro do Instituto Max Planck de Psicolinguística, é considerado um marco inicial para as ideias do funcionalismo norte-americano.

Neste trabalho pioneiro, as pesquisadoras apresentam evidências de que as estruturas sintáticas da língua *tok pisin*, língua de origem *pidgin* de Papua-Nova Guiné, ilha ao norte da Austrália, são motivadas ou geradas por aspectos discursivos. Isso quer dizer que a forma como as palavras se organizam e se relacionam nas sentenças dessa língua está ligada a aspectos do contexto de uso da língua, com as situações reais de comunicação (CUNHA, 2009).

1979

Em 1979, Talmy Givón, linguista e professor emérito da Universidade do Oregon, publica aquele que é considerado o texto programático do funcionalismo norte-americano: *From discourse to syntax: grammar as a processing strategy*. O texto tem uma orientação antigerativista e afirma que a sintaxe (a ordem e as relações entre os elementos da oração) depende da função comunicativa, ou seja, a linguagem e a gramática se adaptam às necessidades dos usuários nas diferentes situações de comunicação.



Saiba mais

Pidgin: É uma língua de contato, que surge, de modo espontâneo, a partir da mistura de duas ou mais línguas. Seu objetivo é garantir a comunicação entre falantes que pertençam a comunidades linguísticas diferentes. Quando já existem falantes nativos de um pidgin, ou seja, quando ele deixa de ser uma língua de contato para ser uma língua nativa, temos um crioulo.

Foco do funcionalismo norte-americano

Os funcionalistas buscam verificar o modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente.

Um dos pontos-chave do funcionalismo norte-americano é entender que a forma como os elementos da língua se organizam não deve ser descrita ou explicada sem levar em conta que a estrutura da língua tem uma função comunicativa. Isso quer dizer que o estudo da língua precisa levar em conta o contexto da situação de comunicação, o contexto.

Funcionalismo no Brasil

Você sabia que também houve estudos funcionalistas por aqui? Assista ao vídeo e saiba mais!

Vamos começar!

Entenda sobre o funcionalismo no Brasil.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Na transcrição da fala logo no começo deste módulo, é possível perceber que a informante planeja o que está falando no momento da interação. Por essa razão, é possível notar a dificuldade em manter a linearidade ou evitar repetições e interrupções.

Aquele é um exemplo de que a fala apresenta interrupções, pausas e hesitações para se pensar no que acabou de falar ou mesmo no que será dito adiante. Isso mostra que vamos reorganizando nossa fala por meio de reflexões, reavaliações ou adendos a partir do que acabou de ser dito, tudo isso enquanto continuamos falando, como acontece numa conversação.

Assim, expressões como “... **poxa..... sei lá... (né?) sabe?**” são exemplos de marcadores da fala, usados para viabilizar o processamento das informações enquanto falamos e marcar para o ouvinte que estamos reformulando nosso pensamento. Com isso, também ganhamos tempo para reorganizar as ideias e dar continuidade à fala (MARTELOTTA *et al.*, 1996, p. 62).

Além do que você aprendeu até agora sobre o funcionalismo, há alguns princípios dessa corrente linguística que ainda devem ser trabalhados, como o princípio da iconicidade e da gramaticalização, assunto do próximo módulo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Teoria da perspectiva funcional da sentença



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Foco do funcionalismo norte-americano



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

O funcionalismo linguístico deve ser adequadamente descrito como

A

corrente teórica que reproduziu os princípios de Saussure, focando a estrutura gramatical independentemente do objetivo do uso da língua.

B

abordagem que se caracteriza por uma concepção de língua como um fim em si mesma, importando mais o estudo de seus aspectos formais e internos.

C

abordagem teórica que identifica a língua como um sistema separado e independente das situações de comunicação.

D

corrente teórica em que a função de comunicação e expressão é central e a linguagem é atividade dirigida para um fim específico.

E

corrente teórica que aborda a língua a partir de uma concepção inatista e abstrata.



A alternativa D está correta.

O funcionalismo linguístico se caracteriza por romper com um entendimento da linguagem focado na estrutura da língua independentemente de seu uso, de sua finalidade e das situações de comunicação. Por isso, o funcionalismo é uma corrente teórica com foco na comunicação e na expressão como função ou fim da linguagem.

Questão 2

O funcionalismo norte-americano ganha força na década de 1970. Uma de suas características pode ser descrita corretamente como:

A

investigação da língua a partir do contexto linguístico e da situação extralinguística.

B

foco na estrutura gramatical, ou seja, apenas na forma linguística.

C

rejeição de uma linguística com foco no uso.

D

ênfase na estrutura linguística independentemente do seu uso.

E

investigação da sintaxe da língua a partir de estruturas idealizadas e abstratas.



A alternativa A está correta.

A língua passa a ser investigada a partir do contexto linguístico e da situação extralinguística (elementos externos à língua). Busca-se, portanto, uma Linguística com foco no uso. A sintaxe, por exemplo, deve ser investigada a partir da língua em uso, pois a sua forma está relacionada às estratégias utilizadas pelos falantes no momento da interação.

Princípio da iconicidade

Para começar, vejamos a comparação de algumas formas!



O que o indivíduo está usando para forçar a abertura da janela? Por que será que chamamos o objeto utilizado por ele de “pé de cabra”? Vamos comparar as formas?



Você consegue observar alguma semelhança entre a ferramenta e o animal? Por que será que isso ocorre?

Essas questões podem nos ajudar a pensar sobre o funcionalismo linguístico, principalmente em relação ao princípio da iconicidade. Vamos descobrir o que é?



Comentário

Além do princípio de iconicidade e do processo de gramaticalização, há outros princípios e categorias centrais do funcionalismo norte-americano, como informatividade, marcação, transitividade e plano discursivo.

Para os funcionalistas, a iconicidade é a correlação natural entre forma e função, ou seja, entre a expressão (código linguístico) e seu conteúdo.

Esse entendimento era contrário ao princípio da arbitrariedade elaborado por Saussure, que defendia uma relação não motivada, não natural, sem causalidade, entre a forma (expressão) e o conteúdo (sentido).

A versão mais forte do princípio da iconicidade foi proposta por Dwight Bolinger. Ele defendia que:



A condição natural de uma língua é preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma.

(BOLINGER, 1977, apud MARTELOTTA et al., 1996)

Uma forma com várias funções e uma função com várias formas

De acordo com a versão original do princípio de iconicidade, há uma única forma linguística para expressar uma ideia. No entanto, quando se observam os processos de variação e de mudança linguísticas, verifica-se que essa relação isomórfica (de um para um – entre forma e conteúdo) nem sempre ocorre. Há casos em que há duas ou mais formas alternativas de dizer a mesma coisa (CUNHA, 2009).

Essa versão inicial do princípio, portanto, foi reformulada devido aos estudos sobre os processos de variação e mudança linguísticas que apontam a existência de uma forma que desempenha várias funções ou uma função que é desempenhada por várias formas.

Veja algumas situações na Língua Portuguesa que ilustram o fato de uma forma apresentar várias funções e de uma função poder ser exercida por várias formas (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003):

Uma forma com várias funções



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ver mais detalhes da imagem abaixo.



Uma função com várias formas



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ver mais detalhes da imagem abaixo.



Mudança linguística e iconicidade

O caráter dinâmico das línguas aponta para o fato de que algumas formas linguísticas, com o uso, passam a exercer outras funções. Perde-se, total ou parcialmente, o significado original. Pode-se dizer, com isso, que há fenômenos linguísticos que mudam com o tempo, em função do uso da língua. Um exemplo interessante é a conjunção embora, cuja relação entre forma e significado passa a ser aparentemente arbitrária com a mudança ao longo do tempo.



A conjunção **embora**, atualmente, é utilizada com valor concessivo (Embora Paulo tenha trabalhado muito no final de semana, foi demitido.). No entanto, na era medieval, **embora** apresentava também valor temporal, significando **em boa hora**.

Naquela época, "essa expressão era comumente acrescida a determinadas frases em virtude da crença de que o sucesso dos atos estava relacionado ao momento em que eram praticados" (CUNHA, 2009, p. 167).

Observa-se que, ao longo do tempo, a expressão em boa hora passa a ter a sua forma diminuída.

A necessidade de reformular a versão inicial do princípio de iconicidade levou os funcionalistas a propor três subprincípios relacionados à quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação sequencial dos segmentos.

Veja mais informações sobre cada um deles:

Quantidade de informação

Subprincípio da quantidade: quanto maior for a quantidade de informação, maior a quantidade de forma.

Exemplo: belo > beleza > embelezar > embelezamento

São palavras derivadas, por veicularem mais informações semânticas e/ou gramaticais, e tendem a ser maiores que as palavras primitivas de que se originaram (CUNHA *et al.*, 2003).

Grau de integração entre constituintes e conteúdo

Subprincípio da integração: o conteúdo que está mais próximo mentalmente coloca-se próximo sintaticamente (posição na oração). Exemplo: *A criança não queria comer.*

Não é nítida a distinção de eventos diferentes; o sujeito de querer é o mesmo de comer, comparando com *A mãe ordenou: coma.*

Nesse caso, percebem-se dois eventos separados: a mãe ordenar/a criança comer (CUNHA, 2009, p. 169).

Ordenação sequencial dos segmentos

Subprincípio da ordenação linear: refere-se à ordem dos elementos na sentença. Conforme esse princípio, o modo como expressamos linguisticamente as ações que fazemos reflete a realidade.

Exemplo: *Eu acordei, tomei café, me arrumei e fui trabalhar.*

A ordem da narrativa corresponde à ordem dos eventos que ela relata.

Processo de gramaticalização

Outro pressuposto teórico do funcionalismo é o processo de gramaticalização: itens que fazem parte do léxico e das construções sintáticas passam a ser utilizados com novas funções gramaticais.

O processo de gramaticalização é considerado um processo de regularização do uso da língua e está, portanto, relacionado à variação e à mudança linguísticas.

Para os funcionalistas, a gramática de uma língua é uma estrutura maleável. Por isso, novas formas e novos rearranjos são feitos.

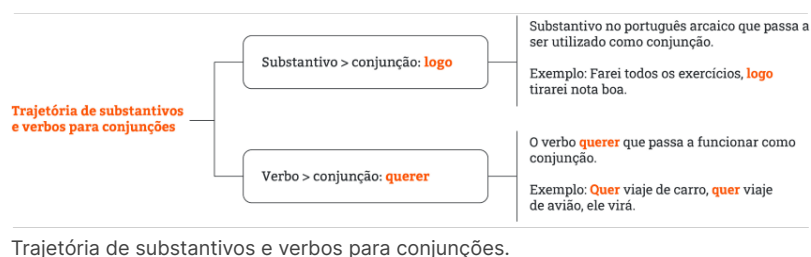


Atenção

É bom lembrar que, para os funcionalistas, a gramática é o conjunto de padrões ou de regularidades da língua que se estabelecem pelo uso da própria língua. Nesse sentido, o uso da língua acaba moldando a gramática, ou seja, torna regular as formas de organizar a fala.

Ao analisar alguns processos de gramaticalização, é possível identificar que a forma deixa de fazer referência a algo do mundo real para assumir funções de caráter gramatical. De modo geral, percebe-se um desgaste fonético da forma e a perda da expressividade (CUNHA, 2009).

Veja algumas situações (CUNHA *et al.*, 2003, p. 174):



O termo **gramaticalização** pode ser entendido em seu sentido amplo (*lato sensu*) e em seu sentido específico (*stricto sensu*). Em sentido amplo, as mudanças ocorrem no interior da própria gramática. Em sentido específico, o processo de gramaticalização envolve formas que migram do léxico para a gramática (CUNHA *et al.*, 2003). A pesquisa desenvolvida pela professora Leonor Oliveira, sobre a trajetória do pronome **onde**, é um exemplo de estudo que enfoca a gramaticalização *lato sensu*.



Oliveira (2000) destaca em seu trabalho o deslizamento de sentido da forma *onde*, que tem novas funções na própria gramática, passando de pronome relativo com o sentido de espaço físico para designar espaço de tempo e, em seguida, como marcador discursivo.

Veja alguns exemplos de contextos reais de uso da língua, retirados do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, seção Natal:

Espaço físico

“Aí ele tinha... tinha o porão... onde guardava as ferramentas...”



Espaço de tempo

“Depois disso... teve a noite onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos...”



Marcador discursivo

“Eu acho que ao invés das pessoas sair na rua ... pedindo para ... ser implantado a pena de morte no Brasil ... deveria estar lutando por outras ... por outros métodos... outros objetivos ... de melhores condições de vida ... de melhor educação para os seus filhos ... onde as pessoas poderiam viver num país bom ... certo?”



Como exemplo da gramaticalização *stricto sensu*, é possível citar a investigação da professora Maria Aparecida da Silva Andrade (SILVA, 2000) sobre a trajetória de mudança do **verbo ir**, que passa de verbo pleno a verbo auxiliar:



Construção metafórica

Lembra do exemplo do "pé de cabra"? Agora que você já conhece o princípio de iconicidade e o processo de gramaticalização, que tal analisá-lo?

Trata-se de uma **construção metafórica**, em que um novo sentido é atribuído. Observe que, por um processo de transferência semântica, uma mesma forma passa a expressar novas ideias. Para entender mais sobre isso, veja como os funcionalistas investigam uma base corporal da metáfora.



Um dos recursos mais comuns de deslizamento de sentido e de indiretividade é a metáfora.

—

(VOTRE apud MARTELOTTA et al., 1996)

Para o autor, **o corpo** (humano) serve como a base para a construção de metáforas comuns no dia a dia. Assim, as metáforas são construídas a partir do nosso corpo. Partindo dele, temos a concepção de objetos com os quais lidamos

Veja alguns exemplos citados por ele:



Apoiou o pé da cadeira numa pedra.



Está com uma cabeça de prego no joelho.



Apoiou as costas do sofá na perna da mesa.



Quebrou o bico da prancha contra um coral.

Iconicidade e gramaticalização

Confira um resumo dos principais aspectos sobre iconicidade e gramaticalização estudados neste módulo.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Mudança linguística e iconicidade



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

O conceito de gramaticalização



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Identifique a afirmação que corresponde ao princípio da iconicidade, seja no seu sentido original e mais forte, seja na sua reformulação em função das mudanças e variações da língua.

A

A relação não natural entre expressão e conteúdo caracteriza a arbitrariedade da língua, manifestada no fato de a forma de uma palavra não ter relação de causalidade com seu conteúdo ou sentido.

B

O sufixo -inho nas palavras criancinha, paizinho, gentinha e devagarzinho demonstra uma forma com uma única função, apontando para ausência de causalidade.

C

As diversas formas para função de impessoalização do agente da ação verbal não ilustra uma das reformulações do princípio de iconicidade original.

D

Em sua versão original e mais forte, o princípio da iconicidade defendia que a condição natural de uma língua é preservar uma forma para um significado, e um significado para uma forma.

E

O princípio da iconicidade corresponde à relação não natural entre forma e conteúdo, apontando para a não causalidade da língua.



A alternativa D está correta.

Iconicidade, em seu sentido original, corresponde à relação de causa e efeito ou relação natural entre a forma (expressão) da língua e seu conteúdo. Assim, na língua, haveria uma relação de causalidade entre a forma e o conteúdo.

Questão 2

Assinale a alternativa em que o conceito do processo de gramaticalização é apresentado e ilustrado corretamente.

A

O termo gramaticalização pode ser entendido apenas em seu sentido específico (*stricto sensu*), como exemplificado no verbo ir, que sempre aparece como verbo pleno.

B

O termo gramaticalização pode ser entendido em seu sentido amplo (*lato sensu*), como exemplificado no invariável do pronome relativo onde.

C

A gramaticalização corresponde às mudanças que ocorrem no interior da própria gramática, como exemplificado nas mudanças de sentido do pronome relativo onde.

D

A gramaticalização possui apenas sentido específico (*stricto sensu*), ilustrado pelas mudanças que ocorrem no interior da própria gramática.

E

No interior da gramática da língua, não ocorrem mudanças, conforme se atesta no uso do pronome relativo onde.



A alternativa C está correta.

O processo de gramaticalização, em um sentido mais amplo, está relacionado às mudanças no interior da gramática, como ocorre com o pronome relativo onde, ao ser utilizado para indicar tempo, e não apenas fazer referência ao sentido de espaço.

Contexto teórico do formalismo

Ao conhecer, brevemente, o histórico dos estudos funcionalistas na Europa e nos Estados Unidos, você observou que os funcionalistas consideram que a investigação linguística deve ir além da estrutura gramatical, pois, nessa investigação, não se pode descartar a análise do contexto discursivo e da motivação para os fatos linguísticos.

Essa abordagem se opõe ao modo como a Linguística era feita na época. O estruturalismo e o gerativismo, correntes da Linguística que têm como nomes importantes, respectivamente, os linguistas Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, caracterizam uma abordagem formalista dos estudos de uma língua.

Vamos entender a diferença entre essas abordagens?

Estruturalismo de Saussure

Com Saussure, a Linguística se firma como ciência da linguagem, tendo como seu objeto de estudo definido a língua e como metodologia a descrição e análise dos elementos formais de sua estrutura interna.

Para Saussure, a língua deve ser vista como uma estrutura ou um sistema autônomo. Essa é a base para os estudos estruturalistas, nos quais a língua é concebida como um sistema com um conjunto de elementos organizados, constituindo um todo. A tarefa do linguista, por sua vez, é analisar a estrutura da língua, ou seja, sua organização estrutural.

O foco no estruturalismo, a partir de Saussure, é a investigação de aspectos fonéticos, fonológicos e sintáticos da língua. Questões relacionadas ao significado – questões semânticas – e relacionadas às situações comunicativas em que o falante se encontra – questões pragmáticas – não foram contempladas nas análises estruturalistas. De acordo com Ilari (2009, p. 58), para os estruturalistas, o sistema deve ser o objeto de estudo das pesquisas linguísticas, “e não as mensagens a que ele serve de suporte”.

Gerativismo de Chomsky

As ideias de Noam Chomsky, com o seu gerativismo, no final da década de 1950, apresentam uma nova visão em relação ao processo de aquisição da linguagem, diferente da postura behaviorista que se apresentava na época. De acordo com o behaviorismo, a linguagem humana deveria ser vista como um condicionamento social. Assim, o comportamento linguístico se daria por um processo de estímulo e resposta.

Chomsky, por outro lado, se opôs ao modelo de linguagem proposto pelos behavioristas. Seus argumentos pautam-se na criatividade da linguagem humana e na questão do inatismo (capacidade inata para aquisição da língua).

De maneira muito simples, em um resumo do pensamento de Chomsky, pode-se afirmar que os comportamentos linguísticos são parcialmente determinados pela mente/cérebro. Assim, todos os seres humanos possuem uma capacidade inata para desenvolver uma língua, o que permite investigar, portanto, a existência de “universais linguísticos”. Logo, há princípios universais e inatos e parâmetros que atuam em todas as línguas do mundo.

Os gerativistas têm como foco a elaboração de um modelo teórico formal capaz de descrever como funciona a faculdade da linguagem, ou seja, entender como funciona essa disposição inata para a competência linguística.

Se, para Saussure, a Linguística deve se ocupar com a investigação da língua, para Chomsky, o foco deve ser o funcionamento da faculdade da linguagem. Ambos desconsideram a investigação da língua em uso,

caracterizando, portanto, uma abordagem formalista dos estudos linguísticos, o que se opõe à corrente funcionalista.

Abordagem formalista X abordagem funcionalista

Para Neves (1997), a abordagem formalista ou polo formalista tem seus maiores expoentes no Estruturalismo norte-americano (representado por Bloomfield, Harris e outros) e, em um sentido menos rigoroso, no gerativismo de Noam Chomsky. Por outro lado, o polo funcionalista tem seus representantes na Escola de Praga e nos modelos de gramática de Halliday e Dik.

Veja os principais representantes de cada abordagem:



Objeto de estudo da linguística funcional

Em oposição à abordagem formalista, o linguista francês André Martinet (1908-1999), representante do funcionalismo europeu fora da Escola de Praga e fundador da Sociedade Internacional de Linguística Funcional, aponta a **competência comunicativa** como o verdadeiro objeto de estudos da Linguística.

Conforme André Martinet (*apud* NEVES, 2018, p. 16), cabe à Linguística investigar o modo como as pessoas conseguem se comunicar pela língua. Essa ideia opõe-se ao pensamento de Saussure e de Chomsky, que consideram a língua como um fenômeno isolado. Assim, de acordo com os funcionalistas, a língua serve a uma variedade de propósitos. Um deles é efetuar a comunicação.



O foco do funcionalismo é o uso da língua, visando verificar as regularidades observadas nesse uso a partir da análise do contexto discursivo. Para os funcionalistas, a análise da estrutura gramatical dentro de toda a situação comunicativa merece destaque, uma vez que a situação comunicativa explica ou mesmo determina a estrutura gramatical.

(REGO, 2009, p. 54)

Assim, os funcionalistas tratam a gramática como uma estrutura maleável, que se adapta aos contextos comunicativos e às necessidades cognitivas dos falantes. Desse modo, por exemplo, não é possível compreender o fenômeno sintático sem considerar os contextos discursivos, ou seja, as situações em que a língua é utilizada. São essas situações de comunicação e de uso que acabam estabelecendo a forma de a língua se organizar; dito de outra forma, constituem a gramática da língua.

O paradigma formal e o paradigma funcional

Comparativo entre os paradigmas formal e funcional

Entenda a distinção entre o paradigma formal e o paradigma funcional.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vejamos o quadro de distinção entre o paradigma formal e o paradigma funcional:

Tópicos	Paradigma Formal	Paradigma Funcional
Como definir a língua	Como conjunto de orações.	Como instrumento de interação social.
Principal função da língua	É a expressão de pensamentos.	É a comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema em uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro de uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento em dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se no uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto cultural.
Universais linguísticos	São propriedades inatas do organismo humano.	Explicam-se em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, por via da semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, por via da semântica.

No quadro, observamos como a visão sobre língua, uso, aquisição e gramática é distinta nas duas abordagens. Resumidamente, a conclusão é que os formalistas veem a língua como “um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais” (KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 20). Para os funcionalistas, por sua vez, a língua é um instrumento de comunicação que varia e muda. Portanto, é necessário investigar seu funcionamento.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Objeto de estudo da linguística funcional



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Os enfoques distintos entre formalismo e funcionalismo



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Diferentemente dos formalistas, os funcionalistas estudam a língua no seu contexto de uso. Nesse sentido, é fundamental analisar:

A

O contexto discursivo em que ocorre a comunicação e a motivação para os fatos linguísticos.

B

A capacidade inata necessária para desenvolver uma língua e os aspectos mentais na produção linguística.

C

O modelo formal de descrição teórica de uma língua, com foco na estrutura gramatical.

D

A competência linguística para produzir os enunciados conforme os estudos gerativistas.

E

Os aspectos diacrônicos da língua, com foco na sua reconstituição.



A alternativa A está correta.

O estudo da língua no seu contexto de uso levou os funcionalistas a considerar os elementos do discurso, ou seja, os aspectos da comunicação, da interação e da intenção dos falantes no uso da língua.

Questão 2

Analise as afirmativas a seguir, considerando a relação entre formalismo e funcionalismo.

I - Paradigma formal: define a língua como conjunto de orações. Paradigma funcional: define a língua como instrumento de interação social.

II - Paradigma formal: principal função da língua é a expressão de pensamentos. Paradigma funcional: principal função da língua é a comunicação.

III - Paradigma formal: sobre a língua e o contexto/situação: as orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação. Paradigma funcional sobre a língua e o contexto/situação: a descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento em determinado contexto.

IV - Paradigma formal: universais linguísticos são aspectos da linguagem vinculados ao uso da língua e às restrições do contexto.

Paradigma funcional: universais linguísticos são propriedades inatas do organismo humano.

Está correto apenas o que se afirma em:

A

I e II

B

II e IV.

C

I, II e III.

D

II, III e IV.

E

III e IV.



A alternativa C está correta.

O paradigma formal entende que os universais linguísticos são propriedades inatas do organismo humano. Por isso, ele se opõe ao paradigma funcional, que entende os universais linguísticos em função de fatores comunicativos, interacionais, biológicos ou psicológicos e contextuais.

Considerações finais

Você estudou os pressupostos teóricos do funcionalismo, corrente da Linguística que se ocupa em investigar o fenômeno linguístico a partir do seu uso, ou seja, em contextos reais de interação. Diferentemente da abordagem formalista, os funcionalistas afirmam que a estrutura da língua não pode ser investigada sem referência à sua função comunicativa, ou seja, sem investigar seus contextos de uso e os propósitos comunicativos dos interlocutores.

Após um breve histórico sobre o funcionalismo europeu, você também conheceu o funcionalismo norte-americano e dois de seus pressupostos teóricos: o princípio de iconicidade e o processo de gramaticalização. Este aprendizado deve levá-lo a perceber que as línguas do mundo são dinâmicas e que, com o uso, algumas formas linguísticas passam a exercer outras funções para atender às necessidades comunicativas dos seus usuários. Com o funcionalismo e sua relação de oposição ao formalismo, você certamente ampliou a visão sobre como pode ser feita uma investigação linguística.

Podcast

Para encerrar, ouça um resumo dos principais tópicos abordados neste conteúdo.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ouvir o áudio.

Explore +

Confira as indicações que separamos especialmente para você!

- Pesquise sobre *Corpus* DG para conhecer os *corpora* (plural de *corpus*) do Grupo de Estudos Discurso e Gramática.
- Para aprofundar seus estudos sobre o funcionalismo, procure o artigo *Uma visão geral da gramática funcionalista*, da linguista Maria Helena de Moura Neves.
- Para ler textos sobre a aplicação dos conceitos do funcionalismo, consulte o livro *Funcionalismo e estudo de gramática*, disponibilizado gratuitamente.

Referências

BOLINGER, D. *Meaning and form*. Londres: Longman, 1977.

BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 1998.

CUNHA, M. A. da. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, M. E. T. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

CUNHA, M. A. *et al.* **Pressupostos teóricos fundamentais**. In: CUNHA, Maria Angélica da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

DIK, C. S. **Some principles of functional grammar**. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (ed.). *Functionalism in linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1987. p. 81-100.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ILARI, R. **O estruturalismo linguístico**: alguns caminhos. São Paulo: Cortez, 2009.

KENEDY, E. **Gerativismo**. In: MARTELOTTA, M. E. T. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: CUNHA, Maria Angélica da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

LYONS, J. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MÄDER, G. R. C. **Masculino genérico e sexismo gramatical**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo, Contexto: 2018.

OLIVEIRA, L. A. B. de. **A trajetória de gramaticalização do onde**. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: EDUFRRN, 2000. p. 171-212.

REGO, L. M. R. **O funcionalismo**. In: MOLLICA, M. C. (org.). *Linguagem para formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia*. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, M. A. **O processo de gramaticalização do verbo ir**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2000.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. **A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro**: materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.